

**VII ENCONTRO VIRTUAL DO
CONPEDI**

**SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E CULTURA
JURÍDICAS**

JERÔNIMO SIQUEIRA TYBUSCH

RICARDO MARCELO FONSECA

DANI RUDNICKI

JOSE MOISES RIBEIRO

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria - CONPEDI

Presidente - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - FMU - São Paulo

Diretor Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

Vice-presidente Sudeste - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

Representante Discente: Prof. Dr. Abner da Silva Jaques - UPM/UNIGRAN - Mato Grosso do Sul

Conselho Fiscal:

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - SKEMA/ESDHC/UFMG - Minas Gerais

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UFERSA - Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Fernando Passos - UNIARA - São Paulo

Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP - São Paulo

Secretarias

Relações Institucionais:

Prof. Dra. Claudia Maria Barbosa - PUCPR - Paraná

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Profa. Dra. Daniela Marques de Moraes - UNB - Distrito Federal

Comunicação:

Prof. Dr. Robison Tramontina - UNOESC - Santa Catarina

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

Relações Internacionais para o Continente Americano:

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto - UPM - São Paulo

Relações Internacionais para os demais Continentes:

Profa. Dra. Gina Vidal Marcílio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Profa. Dra. Sandra Regina Martini - UNIRITTER / UFRGS - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Antunes de Souza - UNIVALI - Santa Catarina

Eventos:

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - FDF - São Paulo

Profa. Dra. Norma Sueli Padilha - UFSC - Santa Catarina

Prof. Dr. Juraci Mourão Lopes Filho - UNICHRISTUS - Ceará

Membro Nato - Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

S678

Sociologia, antropologia e cultura jurídicas [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI

Coordenadores: Dani Rudnicki; Jerônimo Siqueira Tybusch; Jose Moises Ribeiro; Ricardo Marcelo Fonseca – Florianópolis: CONPEDI, 2024.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-5505-914-8

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: A pesquisa jurídica na perspectiva da transdisciplinaridade

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Sociologia. 3. Antropologia e cultura jurídicas. VII Encontro Virtual do CONPEDI (1: 2024 : Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



VII ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E CULTURA JURÍDICAS

Apresentação

Os trabalhos apresentados no GT Sociologia, Antropologia e Culturas Jurídicas I versam sobre muitos elementos com clara interdisciplinaridade. Há fundamentos de atualidade e relevância crítica. Assim, a disposição das apresentações revela posturas de alta profundidade nas pesquisas. Outro aspecto importante é relacionado à condução de discussões holísticas, o que traz força e valor autoral e evidências de elementos comparados que saem de qualquer previsibilidade. Nesse sentido, a abordagem antropológica entrelaça-se com o embasamento histórico e cria solidez ao painel apresentado. Os aspectos formais estão respeitados em cada um dos trabalhos. A metodologia foi usada com respeito aos elementos temáticos. Outro aspecto importante é a atualidade das bibliografias, pois são vastas e condizentes com a objetividade das pesquisas. Por todos os elementos que apresentamos aqui, entende-se que a força de pesquisas equilibradas e fundamentadas está alicerçada em seriedade e esmero dos pesquisadores envolvidos. Além do mais, houve nexo entre os trabalhos e eles espelham a produção acadêmica responsável e com fulcro nas especificidades acentuadas por cada um dos pesquisadores. O evento ganha em qualidade e conhecimento valorizado pelo discernimento. Boa leitura.

OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PESSOAL NA PÓS-MODERNIDADE

THE CHALLENGES OF CONSTRUCTING PERSONAL IDENTITY IN POSTMODERNITY

Fernanda Julie Parra Fernandes Rufino

Kenza Borges Sengik

Marcus Geandré Nakano Ramiro

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar os desafios enfrentados na construção da Identidade Pessoal no contexto da Pós-Modernidade. Para alcançar esse objetivo, serão explorados os pressupostos essenciais para a formação da identidade pessoal, processo que ocorre ao longo da vida do sujeito, destacando os fatores sociais, culturais e individuais envolvidos neste processo com foco na Teoria de Lev Vygotsky. Além disso, será investigada a influência da Pós-Modernidade, incluindo suas características como fragmentação, pluralidade e fluidez, na maneira como as pessoas constroem e percebem suas identidades pessoais. Serão examinadas também as mudanças culturais que marcam a era, como a globalização e o surgimento das mídias sociais, e seus impactos na formação da identidade pessoal. Por meio desta pesquisa, espera-se contribuir para uma compreensão mais profunda dos desafios contemporâneos relacionados à construção identidade pessoal. O tema se mostra de suma importância diante das grandes transformações que marcam a pós-modernidade e como elas influenciam na construção da identidade pessoal.

Palavras-chave: Identidade pessoal, Cultura, Personalidade humana, Pós-modernidade, Liquidez

Abstract/Resumen/Résumé

This article aims to analyze the challenges faced in the construction of Personal Identity in the context of Post-Modernity. To achieve this objective, the essential assumptions for the formation of personal identity will be explored, a process that occurs throughout the subject's life, highlighting the social, cultural and individual factors involved in this process with a focus on Lev Vygotsky's Theory. Furthermore, the influence of Post-Modernity will be investigated, including its characteristics such as fragmentation, plurality and fluidity, on the way people construct and perceive their personal identities. Cultural changes that mark the era will also be examined, such as globalization and the emergence of social media, and their impacts on the formation of personal identity. Through this research, we hope to contribute to a deeper understanding of contemporary challenges related to the construction of personal identity. The theme is extremely important given the great transformations that mark postmodernity and how they influence the construction of personal identity.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Personal identity, Culture, Human personality, Postmodernity, Fluidity

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, visa analisar os desafios enfrentados na construção da Identidade Pessoal na Pós-Modernidade. Em um primeiro momento, serão abordadas as Teorias de Jean Piaget, Donald Winnicott e Lev Vygotsky sobre o desenvolvimento da identidade pessoal. A pesquisa se aprofundará na Teoria de Lev Vygotsky, analisar-se-á os critérios que contribuem para o desenvolvimento da personalidade, constatando que essa teoria adota os aspectos culturais e biológicos para a formação cognitiva do ser.

Posteriormente, será analisado o contexto da Pós-Modernidade, incluindo suas características como fragmentação, pluralidade e fluidez, resultados de uma mudança cultural proveniente das transformações conquistadas pela modernidade. A pesquisa ainda apresentará uma reflexão acerca sobre as mudanças culturais que marcam a era pós-moderna e seus impactos na formação da identidade.

A metodologia utilizada foi bibliográfica destacando as principais teorias sobre a construção da identidade e também sobre o contexto da pós-modernidade com o objetivo de traçar um paralelo entre elas. O tema se mostra de suma importância diante das grandes transformações que marcam a pós-modernidade e como elas influenciam na construção da identidade pessoal.

2. PRESSUPOSTOS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

O desenvolvimento da personalidade e da identidade humana é um processo complexo e multifacetado que tem sido objeto de estudo e debate por parte de diversos teóricos ao longo da história da humanidade. Dentre as abordagens mais influentes estão as teorias cognitivas de Jean Piaget, a Teoria do desenvolvimento emocional de Donald Winnicott e a Teoria Sociocultural de Lev Vygotsky. Cada uma dessas teorias oferece uma perspectiva sobre como a personalidade e a identidade pessoal são formadas e moldadas ao longo da vida.

Jean Piaget foi um psicólogo suíço que desempenhou um papel fundamental no campo da psicologia do desenvolvimento, principalmente no estudo do desenvolvimento cognitivo infantil. A teoria de Piaget é considerada uma teoria construtivista, ela ressalta a ideia de que as crianças constroem ativamente o conhecimento à medida que interagem com o ambiente e de acordo com o seu estágio de maturação (Piaget, 1970, p. 20). A teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget também enfatiza a importância da interação do indivíduo com o ambiente

físico e social na construção do conhecimento e compreensão do mundo. Piaget postulou que o desenvolvimento cognitivo ocorre em estágios distintos, nos quais o indivíduo desenvolve habilidades cognitivas cada vez mais complexas. Na visão dele, a formação da personalidade e identidade está intimamente ligada ao desenvolvimento do pensamento e raciocínio (Piaget, 1970, p. 20).

Os estágios de maturação humana são descritos pelo autor como Estágios do Desenvolvimento Cognitivo que, segundo Piaget, são quatro estágios principais no desenvolvimento cognitivo da criança: o estágio Sensoriomotor, Pré-operacional, Operacional Concreto e Operacional Formal. Sendo que cada estágio é composto por habilidades cognitivas específicas, resultando no processo de como as crianças pensam sobre o mundo a sua volta (Piaget, 1970, p. 25).

[...]cada um dos estágios passados corresponde a um nível mais ou menos elementar ou elevado da hierarquia das condutas. Mas cada estágio corresponde também características momentâneas e secundárias, que são modificadas pelo desenvolvimento ulterior, em função da necessidade de melhor organização. Cada estágio constitui então, pelas estruturas que o definem, uma forma particular de equilíbrio, efetuando-se a evolução mental no sentido de uma equilibração sempre mais completa (Piaget, 1999, p. 15).

Em cada um desses estágios, a criança irá desenvolvendo o biológico e o psíquico e, para que haja a plena construção da identidade pessoal, é necessário que cada um dos estágios descritos seja desenvolvido de forma plena e sadia, já que, para Piaget, o mal desenvolvimento em um dos estágios, pode influenciar negativamente o desenvolvimento mental e biológico do próximo estágio.

O desenvolvimento psíquico, que começa quando nascemos e termina na idade adulta, é comparável ao crescimento orgânico: como este se orienta, essencialmente, para o equilíbrio. Da mesma maneira que um corpo está em evolução até atingir um nível relativamente estável, caracterizado pela maturidade dos órgãos, também a vida mental pode ser concebida como evoluindo na direção de uma nova forma de equilíbrio final, representada pelo espírito adulto. O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior (Piaget, 1999, p. 35).

Para Piaget, a construção da identidade pessoal surge da interação do indivíduo com o ambiente e da necessidade de equilibrar a assimilação e a acomodação. A assimilação ocorre quando a criança incorpora novas informações ao seu esquema existente, enquanto a acomodação envolve a modificação do esquema existente para acomodar novas informações.

Esses processos ocorrem de maneira interativa e contínua ao longo do desenvolvimento. Dessa forma, a identidade pessoal é construída à medida que o indivíduo desenvolve uma compreensão de si mesmo e do mundo ao seu redor, através da internalização de esquemas mentais e da interação com o ambiente social e cultural. (Piaget, 1999.)

Donald Winnicott concentrou-se na importância das relações interpessoais e do ambiente emocional na formação do *self* e da identidade. Ele introduziu conceitos como o objeto transicional, o espaço potencial e os conceitos de falso *self* e verdadeiro *self*. Winnicott argumentou que um ambiente emocionalmente receptivo e responsivo é essencial para o desenvolvimento saudável do *self* (Winnicott, 1983, p. 135).

Na visão de Winnicott, a identidade pessoal é influenciada pelas interações com figuras de cuidado e pelo ambiente emocional proporcionado por essas relações, ressaltando a relação entre mãe e filho, “pode-se dizer que uma proteção do ego suficientemente boa pela mãe (em relação às angústias impensáveis) possibilita ao novo ser humano construir uma personalidade no padrão da continuidade existencial” (Winnicott, 1975, p. 60).

Para Winnicott, a capacidade de simbolização e a expressão autêntica do *self* são fundamentais para o desenvolvimento de uma identidade coesa e autêntica, “a integração está intimamente ligada à função ambiental de segurança [*holding*]. A realização da integração é a unidade. Primeiro vem o “eu” que inclui “todo resto é não eu”. Então vem eu sou, eu existo, adquiro experiências, enriqueço-me e tenho uma interação introjetiva e projetiva com o não-eu, o mundo da realidade compartilhada” (Winnicott, 1975, p. 60). Destaca-se que a personalidade continua sendo construída após a “castração” da ligação entre mãe e bebê e que esse é um momento em que “capacita a criança a continuar viver” (Winnicott, 1975, p. 49), ou seja, a construir a sua personalidade própria e independente da mãe.

Lev Vygotsky propôs uma abordagem sociocultural do desenvolvimento humano, enfatizando a influência do ambiente social e cultural na formação da identidade. Vygotsky argumentou que o desenvolvimento ocorre por meio da interação social e da participação em práticas culturais. (Vygotsky, 1989, p. 83)

De acordo com Vygotsky, o desenvolvimento da personalidade é um “complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, imbricamento de fatores internos e externos, e processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra” (Vygotsky, 1989, p.83). Como se nota, a construção da identidade pessoal é feito por meio de um processo complexo e que ocorre ao longo da vida.

Vygotsky também introduziu conceitos como a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e a internalização de ferramentas culturais, como linguagem e símbolos. Por Zona de Desenvolvimento Proximal, ele entende que são as “funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento (...)” (Vygotsky, 1989, p. 112-113).

Para exemplificar, pode-se dizer que a ZPD compreende aquilo que a criança será capaz de compreender seguindo para o próximo estágio de desenvolvimento. A ZPD é “a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (Vygotsky, 1989, p. 112-113).

Sendo a Zona de Desenvolvimento Real, por outro lado, o conhecimento já adquirido e consolidado pela criança, “a capacidade de realizar tarefas de maneira independente, ou seja, são conquistas já realizadas, funções de capacidade que a criança já aprendeu e domina, indicando processos de desenvolvimento já consolidados” (Joenk, 2007, p. 8).

Na perspectiva de Vygotsky, a identidade pessoal é moldada pelas relações interpessoais, pela linguagem e pelos sistemas de significado compartilhados dentro de uma cultura. As interações com pais, colegas e outros membros da comunidade desempenham um papel fundamental na formação da identidade, enquanto a internalização de práticas culturais e valores influencia a construção do eu.

Como visto, as teorias de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Donald Winnicott oferecem perspectivas fundamentais sobre o desenvolvimento da personalidade e identidade humana. Foi possível constatar que, enquanto Piaget destaca a importância do pensamento cognitivo na construção de uma compreensão coerente a identidade e do mundo; Winnicott destaca a importância das relações interpessoais e do ambiente emocional na formação do *self* e na busca por uma identidade autêntica. Por fim, Vygotsky enfatiza a influência do ambiente social e cultural na formação da identidade, além de destacar conceitos como a Zona de Desenvolvimento Proximal e Real como importantes na formação do conhecimento e da personalidade humana.

3. A QUESTÃO DA PÓS-MODERNIDADE

Antes de analisar os desafios da construção da identidade pessoal no pós-modernidade, é essencial entender o contexto a ser analisado, suas transformações e características. Eduardo Jorge Duque destaca que o prefixo “pós” não tem conotação pejorativa, mas uma questão temporal, sendo período após a modernidade. “O que o prefixo pós implica é, contrastivamente, uma continuidade e uma ruptura simultâneas, não querendo com isto retirar à pós-modernidade a capacidade de produzir visões novas, verdadeiramente testáveis e debatíveis.” (Duque, 2003, p. 40).

Eduardo Carlos Bianca Bittar enfatiza que “a expressão ‘pós-modernidade’ batiza um contexto sócio-histórico particular, que se funda na base de reflexões críticas acerca do esgotamento dos paradigmas instituídos e construídos pela modernidade ocidental.” (2008, p. 131) Bittar continua afirmando que o dissenso que marca a pós-modernidade já começa no nome, já que “supermodernidade” e “modernidade reflexiva” também são expressões para designar o tempo atual. Ainda, não há consenso com relação à data-marco do início da pós-modernidade.

Um tempo de grandes transformações em diversas áreas como “valores, hábitos, ações grupais, necessidades coletivas, concepções, regras sociais, modos de organização institucional...” (Bittar, 2008, p. 131) a pós-modernidade é marcada por uma ruptura dos paradigmas edificados na modernidade. Bittar chega a descrever como “sensação de crise, em amplas magnitudes e alcançando diversos aspectos da vida no século XX”, profundas as marcas que traz o período da denominada pós-modernidade.

O próprio Bittar afirma que se sabe menos da pós-modernidade do que se especula sobre ela. O que se tem certeza é que se trata de um tempo de mudanças e que não se tem certeza do que realmente essas transformações irão levar. “Há um grande afã cabalístico, ou até mesmo apocalíptico, nas tentativas de antevisão das consequências e dos possíveis frutos advindos da introdução de novos padrões de conduta social com a pós-modernidade.” (2008, p. 134)

Charles Lemert pondera de maneira interessante: “Quem odeia bestas, sapos, aberrações pós-modernas e outras coisas sombrias do tipo pode em algum momento ter exagerado, mas não está errado em se preocupar como se preocupou. O mundo moderno está passando por alguma espécie de mudança. Mesmo os que desejariam o contrário admitem isso” (2000, p. 37)

Bittar conclui sua análise da sociedade pós-moderna de maneira objetiva:

Eis o quadro da pós-modernidade na caracterização do sócio-jurídico, procurando se acentuar a importância da revitalização de valores perdidos durante a modernidade como modo de aquietação de diversas questões candentes no plano da justiça social. O surreal na caracterização do quadro está propriamente no descompasso, ou na contradição, entre a ordem formal (irreal) e a ordem social (real). Eis o que desafia o direito, bem como a ciência do direito, de um modo geral, a repensar seus próprios conceitos, práticas, valores e paradigmas. (2008, p. 145)

Quando o assunto é pós-modernidade, Bauman é um grande expoente sobre o tema. Ele denominou a sociedade pós-moderna de “sociedade líquida” e antes de caracterizar a liquidez da sociedade, o filósofo trouxe o entendimento da modernidade sólida. Bauman argumenta que houve a liquefação das tradições e das instituições que na modernidade traziam solidez às relações sociais e humanas.

Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. E os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. Num ambiente fluido, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca – é melhor estar preparado para as duas possibilidades (Bauman, 2021, p. 53).

A modernidade foi marcada por progresso científico e bases fortes e sólidas. O homem moderno teve o início da globalização, o avanço da tecnologia, o destaque da ciência como bases de suas conquistas. Foi uma fase de progresso e que desembocou na pós-modernidade. A modernidade teve como mola propulsora a razão, diante da busca pela ciência – na tecnologia e no acesso das informações. O homem moderno buscou a razão para pautar suas escolhas, sem paixões, de modo que a escolha errada era aquela que desprovia de razão. “A razão era um fim em si mesmo, o motor das escolhas dos homens e da busca sempre incessante por um grau maior dela. [...] Assim, a modernidade depositou no homem todas suas esperanças, que antes eram depositadas na religião e na magia.” (Oliveira, 2012, p. 29)

Interessante o entendimento de Stuart Hall ao analisar a sociedade. Hall destaca que a “sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partida e si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma.” (2020, p. 6) Hall completa que as mudanças relacionadas à sociedade moderna acabaram por libertar o “indivíduo de apoios estáveis nas tradições e nas estruturas.”

Dentre os marcos da modernidade e suas consequências que geraram impactos na pós-modernidade, Stuart Hall elucidou:

Muitos movimentos importantes no pensamento e na cultura ocidentais contribuíram para a emergência dessa nova concepção: a Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o humanismo renascentista, que colocou o homem [*sic*] no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada. (2020, p. 18)

Tem-se, então, que as características do mundo pós-moderno são de ruptura com muitos conceitos que eram tidos como prontos, unos, indiscutíveis e acabados, mas que a modernidade colocou em xeque, perquiriu, duvidou e trouxe provocações, gerando uma sociedade voltada para a constante mudança, em todos os sentidos. Assim, não há nada estável, pronto e acabado. Ao contrário, a todo instante procura-se o novo, o diferente, o desconhecido.

4. MUDANÇAS CULTURAIS NA PÓS-MODERNIDADE E OS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PESSOAL

Como observou-se anteriormente, a pós-modernidade é marcada por mudanças de grande monta e a principal reside no campo da cultura e, conseqüentemente, na identidade, motivo pelo qual surgiu o interesse pela presente pesquisa. Afinal, como pontua Eduardo Carlos Bianca Bittar, “Qualquer afetação dos modos pelos quais a cultura é feita traduz-se, quase que imediatamente, em soluções ou crises, em modificações ou alterações, em inovações ou em retrocessos, que afetam diretamente o *mundus iuris*.” (2008, p. 135)

Bauman constrói seu entendimento da sociedade pós-moderna traçando uma relação entre pertencimento, identidade e o consumismo. O consumo que antes era pra necessidade de subsistência, passa a satisfazer as “necessidades de identificação ou da autosssegurança quanto à adequação” (Bauman, 2001).

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (Bauman, 2021.)

Claudia Constante Carvalho relaciona identidade pessoal com o aspecto social, afirmando ser “impossível abordar a identidade de uma perspectiva unicamente individual, e

esquecer a vertente social.” (1999, p. 728) Sobre o comportamento humano, ela traz um olhar voltado para a liberdade e suas consequências:

A identidade pós-moderna constitui uma extensão da liberdade de escolha entre as múltiplas identidades do modernismo, mas que aceita e afirma a sua condição instável, transitória e aberta à redefinição permanente. Ainda será talvez cedo para afirmar se tal multiplicidade de imagens é positiva ou negativa. Por um lado, a possibilidade de mudança radical de vida aumenta consideravelmente a liberdade individual, mas por outro poderá levar a vivências fragmentadas e dispersas de si, produzindo ansiedade e crises de identidade. (Carvalho, 1999, p.731)

Stuart Hall utiliza o termo “descontinuidades” que marcam a sociedade moderna já que as mudanças geram alterações profundas tanto na extensão da interface social quanto na intensidade da existência do ser humano. Rupturas e fragmentações internas marcam a identidade moderna, caracterizada pela “diferença”, pelas “identidades” e pelas “posições de sujeito” dos indivíduos. (Hall, 2020, p. 11)

Com relação ao tema central do presente estudo – identidade – Hall destaca: “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. (2020, p. 5) Ele trata como sendo “perda de um sentido de si”: “Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo”. (Hall, 2020, p. 6)

Stuart Hall destaca que há três noções muito diferentes sobre identidade: 1) sujeito do iluminismo; 2) sujeito sociológico e 3) sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo era marcado com características como unificado, centrado, racional, consciente sendo que a identidade nascia com ele e era a mesma durante toda a sua existência. O sociológico é marcado pelo aumento da complexidade da vida do mundo moderno, a sua consciência sobre si dependia da relação com outras pessoas, não sendo suas características a autonomia e a autossuficiência, de modo que a identidade era construída diante da interação do eu com a sociedade. “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”. (Hall, 2020, p. 8)

A estabilidade e a unificação do sujeito, características do sujeito do iluminismo e que ainda se tinha no sujeito sociológico no mundo moderno, são totalmente desconhecidas do sujeito na pós-modernidade que passa a ser composto de várias identidades, algumas vezes até

contraditórias e fragmentadas. “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório e problemático.” A identidade acaba sendo definida historicamente, já que “torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (Hall, 2020, p. 9)

Interessante a ponderação de Eduardo Jorge Duque ao afirmar que “não é que as tradições desapareçam, como muito frequentemente se diz com certa precipitação, mas são, de facto, muito afectadas: o que antes era considerado como algo absoluto e indiscutível de geração em geração vai agora sendo questionado e relativizado.” (Duque, 2003, p. 8) Ele também destaca como resultado da globalização na identidade a necessidade de “reflexividade social”, já que o indivíduo tem de enfrentar muitas decisões para viverem e integrarem uma sociedade. “Quer isto dizer, que cada ser humano tem que eleger entre as várias opções que lhe são ofertadas porque, na maioria dos casos, a eleição já não vem determinada, como antigamente, pela tradição.” (Duque, 2003, p. 9)

Para Zygmunt Bauman o desafio de “autoidentificação” “tem pouca chance de ser concluída com sucesso e de modo plenamente satisfatório”, e, acrescenta, “é provável que fiquemos divididos entre o desejo de uma identidade de nosso gosto e a escolha e o temor de que, uma vez assumida essa identidade, possamos descobrir, como o fez Peer Gynt, que não existe uma “ponte, se você tiver de bater em retirada” (2021, p. 99).

Bauman, sobre identidade, pondera que “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”. Ele frisa um outro desafio: “as “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. (2021, p. 29)

A consequência dessas transformações sociais afeta o indivíduo já que “os novos valores da pós-modernidade, difundidos pela liquidez, fragmentariedade e efemeridade, enfatizaram o problema ético central, para cada indivíduo, que seria o enfrentamento da própria barbárie interior, ou seja, as próprias limitações e dificuldades para buscar o bem” (De Almeida; Ramiro, 2023, p. 56).

Observa-se com as tantas novas realidades do mundo pós-moderno, com uma cultura sem tradição fixa, sem base sólida, com a crescente globalização, com o acesso às informações instantaneamente e ao bombardeio de notícias e conteúdos diversos, é possível entender as palavras de Stuart Hall ao afirmar que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente. (2020, p. 9)

Quando o assunto é a globalização, a sociedade pós-moderna tem gerado grandes transformações na identidade cultural. A visão de identidades nacionais tem sofrido alterações (até mesmo desintegrando-se) no sentido de uma identidade global:

O que está sendo criado é um novo espaço cultural eletrônico, uma geografia “sem lugar” da imagem e da simulação. Essa nova arena global da cultura é um mundo de comunicação instantânea e superficial em que os horizontes de espaço-tempo foram comprimidos e desmoronaram. A globalização é a compreensão dos horizontes espaço-tempo e a criação de um mundo de instantaneidade e superficialidade. O espaço global é um espaço de fluxos, um espaço eletrônico, um espaço descentrado, um espaço no qual as fronteiras e limites tornaram-se permeáveis. (Hall, 2020, p. 58)

Zygmunt Bauman entende que “a Globalização significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação”. Isso gera uma busca constante do indivíduo por uma identidade, já que não se vive numa sociedade segura, sólida. Entretanto, mostra-se ambíguo e complicado a necessidade de apoio numa liquidez existente. “Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto.” (2021, p. 32)

Eduardo Jorge Duque traça uma relação entre globalização e a des-traditionalização. “Não é que as tradições desapareçam, como muito frequentemente se diz com certa precipitação, mas são, de facto, muito afectadas: o que antes era considerado como algo absoluto e indiscutível de geração em geração vai agora sendo questionado e relativizado.” (2003, p. 8) As tradições são geradoras de estabilidade social, de modo que a instabilidade nas tradições gera incertezas no ser humano da pós-modernidade.

Bittar pondera que há quem veja a pós-modernidade com olhar positivo e outros com olhar preocupante. Ele frisa que “todo processo cultural é sempre um processo de reavaliação e de revalorização: a história das culturas é a tradução disto.” e “está-se diante da mudança de uma época, de uma transição intertemporal, fator de polêmicas, rejeições, ansiedades e clamor social”. De modo que é compreensível e novo o surgimento de sentimentos antagônicos com relação à realidade. A pós-modernidade acaba por ter “a capacidade para gerar atração ou

alegria, a capacidade para causar deslumbre ou medo, a capacidade para originar excitação ou insegurança”. (Bittar, 2008, p. 136)

A modernidade cresceu em torno da racionalidade trazendo à tona a razão humana, em busca de quebra de paradigmas, de trazer questionamentos e investigar. Buscava-se o progresso, destacou-se o capitalismo e o liberalismo. Foi uma época de grandes revoluções sociais e conquistas científicas. Entretanto, o resultado que se tem na sociedade pós-moderna reflete essa busca incessante por quebras de tradições, que gerou quebras de valores e, com isso, a naturalização da violência, da segregação, da desigualdade numa sociedade pautada no “ter”.

O resultado é uma sociedade que deveria estar mais voltada para aspectos sociais e em busca da efetividade da dignidade da pessoa humana, enquanto se volta para a busca da satisfação econômica e superficial. A sociedade deveria estar buscando mudanças significativas dos problemas vividos no passado com responsabilidade, mas “O contrário disso é o convívio com uma sociedade desencantada e que vive a angústia do fim das utopias, da exaustão das grandes metanarrativas, a ascensão de um modo de vida menos político e mais estético, menos coletivo e mais individual, mais leve e consumista, mais líquido e inconsistente, mais frenético e desbussolado.” (Bittar, 2008, p. 141)

Outro aspecto interessante está no que Bauman chama de “comunidades guarda-roupas” que existem enquanto duram o “espetáculo”, seja ele um crime famoso, um casamento, uma partida de futebol, um inimigo novo, dentre outras situações em que as pessoas se unem num determinado período, tendo um compromisso curto e superficial. São relações pontuais e passageiras que estão bem longe da segurança e estabilidade das relações que se tinha no passado. (2021, p. 33)

O preocupante é que “quando a qualidade o deixa na mão ou não está disponível, você tende a procurar a redenção na quantidade.” (Bauman, 2021, p. 33). Busca-se muitas redes conexões, sendo que para ser aceito nessas redes, não há limites quanto à criação de novas identidades, gerando ansiedades quanto à possibilidade de rejeição ou não aceitação dentro de um grupo. É preferível vivenciar a troca de identidade que buscar relacionamentos duradouros e sólidos.

A “quantidade” também está presente na vida consumeirista, seja na quantidade de opções de comidas, variedades de roupas, lazeres etc. Antigamente, era possível saber da vida apenas das pessoas muito próximas, da família. Hoje, o acesso às informações se tornou sem fronteiras e imediato de modo que a qualquer instante pode-se ter notícias sobre qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo. A multiplicidade de informações e de opções de escolha geram no indivíduo um quadro de ansiedade crescente.

Todos esses aspectos influenciam diretamente na construção da identidade pessoal. Com a pós-modernidade, rompeu-se com a antiga ordem tradicional em que valores eram passados de pai para filho, em que a identidade do filho era – em muito – parecida com de seus antepassados devido à transmissão dos valores, princípios, modo de vida. Além disso, o próprio ambiente em que o indivíduo se desenvolvia, as relações sociais que mantinha eram restritas ao seu bairro, a sua cidade; o que se rompeu com a globalização. A pós-modernidade trouxe a possibilidade do homem conhecer e se expor a lugares diferentes, conviver com pessoas e ter experiências com culturas diversificadas, logo, é fato que a pós-modernidade influencia na construção da identidade pessoal dos indivíduos (Giddens, 2002).

Importante destacar que a história da humanidade é um desencadeamento de fatos sociais que dependem e se interligam numa simbiose complexa com aspectos políticos, econômicos e culturais. Por mais que a sociedade pós-moderna seja preocupante em muitos aspectos, ela representa o resultado da sociedade moderna e se mostra uma fase de transição para mudanças diante das rupturas em diversas dimensões e temas. O receio de como será a próxima fase da humanidade gera críticas ferrenhas à fase atual. Afinal, se da sociedade que era tida como sólida gerou os dilemas atuais, o que esperar de uma sociedade líquida? Ainda se vivenciará.

5. NOTAS CONCLUSIVAS

A pesquisa analisou abordagens acerca do desenvolvimento da identidade pessoal, dentre elas a Teoria Cognitiva de Jean Piaget, a Teoria do desenvolvimento emocional de Donald Winnicott e a Teoria Sociocultural de Lev Vygotsky. Cada uma dessas teorias oferece uma perspectiva sobre como a personalidade e a identidade pessoal são formadas e moldadas ao longo da vida.

Verificou-se por meio da pesquisa que Piaget destaca a importância do pensamento cognitivo na construção de uma compreensão coerente a identidade e do mundo. O desenvolvimento humano ocorre pela maturação biológica e pelo desenvolvimento psíquico, os quais acontecem em Estágios ao longo da vida, sendo tais estágios denominados como o estágio Sensoriomotor, Pré-operacional, Operacional Concreto e Operacional Formal, em que cada estágio está intrinsecamente ligado com o estágio subsequente. E, para a construção da identidade pessoal, é necessário que todos os estágios de desenvolvam de forma plena.

Por outro lado, a pesquisa demonstrou que Winnicott destaca a importância das relações interpessoais e do ambiente emocional na formação do *self* e na busca por uma identidade autêntica. Sendo que a mãe e a criança possuem uma ligação e que no momento em que ocorre a “castração” desse vínculo, a criança passa para um estágio de desenvolvimento do seu self de forma independente.

Dentre as teorias apresentadas, Vygotsky enfatiza a influência do ambiente social e cultural na formação da identidade, além de destacar conceitos como a Zona de Desenvolvimento Proximal e Real como importantes na formação do conhecimento e da personalidade humana. Assim, o ambiente e as relações humanas influenciam diretamente a construção da identidade pessoal.

Ao analisar a pós-modernidade, suas características e, em especial, as transformações culturais, observa-se que a construção da identidade pessoal tem sofrido grandes modificações. Uma cultura sem base sólida, sem tradições e que se modifica na mesma rapidez que uma substância líquida, como bem denominou Bauman, afeta cabalmente a edificação do “eu”. Pensar numa identidade pessoal una e permanente é algo quase que impossível nos dias atuais.

O acesso às informações constantes que as redes sociais garantem, à multiplicidade de produtos, ideologias diversas, ao redor do mundo, diante de uma globalização que chegou a um ponto antes não imaginado, fazem com que não haja nem uma identidade que identifique uma cultura nacional, mas sim “identidades”. O próprio indivíduo pode possuir várias identidades para se enquadrar nos diferentes contextos que sente pressionado a se adequar.

Nesse contexto, tem-se que a teoria de Vygotsky seja a mais adequada no contexto atual, já que defende a influência do ambiente social e cultural na formação da identidade. O indivíduo da pós-modernidade é reflexo direto da liquidez social e, por conseguinte, cultural. A liquidez da sociedade pós-modernidade trouxe para o ser social uma instabilidade emocional gerando uma personalidade de igual forma – adaptável aos contextos.

A característica de adaptabilidade não deixa de ter seu lado positivo diante da complexidade da vida humana que só tem se agravado nessa era. O ser humano acaba por ter de se adaptar às tantas possibilidades, oportunidades e também mudanças que lhe são exigidas para sobrevivência individual e social. Entretanto, a ausência de solidez, estabilidade e unicidade gera um ser humano de igual forma – instáveis, fluídos, de identidades diversas, sem equilíbrio.

A presente pesquisa demonstra que é praticamente impossível estudar o ser humano e sua identidade sem considerar o contexto histórico em que está inserido, já que o ambiente é terreno fértil para as transformações do “eu” social e individual em sociedade.

6. REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Carlos Alberto Medeiros (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Plínio Dentzien (Trad.) Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. O direito na pós-modernidade. **Sequência: estudos jurídicos e políticos**, v. 29, n. 57, p. 131-152, 2008.
- CARVALHO, Claudia Constante. Identidade e intimidade: Um percurso histórico dos conceitos psicológicos. **Análise Psicológica** (1999), 4 (XVII): 727-741. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/143422726.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- DE ALMEIDA, Bruna Becari; RAMIRO, Marcus Geandré Nakano. REFLEXOS DA ÉTICA PÓS-MODERNA NA PROTEÇÃO DOS DIREITOS DA PERSONALIDADE. **Revista Em Tempo**, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 44 - 59, jan. 2023. ISSN 1984-7858. Disponível em: <<https://revista.univem.edu.br/emtempo/article/view/3489>>. Acesso em: 22 jan. 2024. doi: <https://doi.org/10.26729/et.v22i1.3489>.
- DUQUE, Eduardo. A identidade na pós-modernidade. **Cadernos do Noroeste**, v. 21, p. 39-52, 2003.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro (Trad.). 12. ed. Lamparina: Rio de Janeiro, 2020.
- LEMERT, Charles. **Pós-modernismo não é o que você pensa**. São Paulo: Loyola, 2000.
- OLIVEIRA, Larissa Pascutti. Zygmunt Bauman: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida. **Sem Aspás**, Araraquara, v. 1, n. 1 p. 25-36, 2012.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva - 24º Ed. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITARIA, 1999.
- PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- WINNICOTT, Donald Wood. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- WINNICOTT, Donald Wood. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- JOENK, Inhelora Kretschmar. **Uma Introdução ao Pensamento de Vygotsky**. Revista Linhas, Florianópolis, v. 3, n. 1, 2007. Disponível em:

file:///C:/Users/TRABALHOS/Downloads/2-
_Uma_Introdu%C3%A7%C3%A3o_ao_Pensamento_de_Vygotsky.pdf